

**LATINISMOS E NEOLOGISMOS
NA LITERATURA BRASILEIRA**

Roberto Arruda de Oliveira (UFCE)
rarrudaufc@gmail.com

RESUMO:

A revolução no vernáculo, que já principiara nos séc. XVI e XVII, toma fôlego entre os oitocentistas. As letras clássicas continuam renascendo e os clássicos traduzidos e imitados. Esta renascença propicia a escritores como Gonçalves Dias, Alencar, Machado, Olavo Bilac, Cruz e Souza, Taunay, Manuel Antônio de Almeida e Rui Barbosa o aportuguesamento de muitas formas latinas e neologismos, o que proporciona um enriquecimento ainda maior do vernáculo. Estes termos são amplamente catalogados em lexicógrafos como Aulete, Houaiss, Aurélio Ferreira, Cândido de Figueiredo e Laudelino Freire. Muitos, como o Dr. Castro Lopes, buscam nos neologismos latinos uma forma de consolidar o idioma nacional.

Palavras-chave:

Latim. Latinismos. Neologismos.

ABSTRACT:

The revolution in vernacular which had already begun in the 16th and 17th centuries takes breath among the 19th century. The classical languages continue to be reborn and the classical writers translated and imitated. This renaissance affords writers such as Gonçalves Dias, Alencar, Machado, Olavo Bilac, Cruz e Souza, Taunay, Manuel Antônio de Almeida, Rui Barbosa the incorporation in portuguese language of many latin forms and neologisms, which provides an even greater enrichment of the vernacular. These terms are widely registered in lexicographers such as Aulete, Houaiss, Aurélio Ferreira, Cândido de Figueiredo and Laudelino Freire. Many, as Dr. Castro Lopes does, look to latin neologisms as a way to consolidate the national language.

Keywords:

Latin. Latinisms. Neologisms.

1. Introdução

Por volta do século XIV a língua portuguesa terminou por suplantar o galego-português, o qual, pouco antes, aparecia na poesia lírico-literária, em alguns documentos cartulários¹⁸ como também na fala. Com a independência portuguesa, a nova nacionalidade permitiu o aparecimento de uma língua de livre trânsito, que coexistia com outra fixada em Lisboa,

¹⁸ Registro conservado em antigos mosteiros, igrejas, etc.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

apresentada mais tarde como padrão à prosa literária. Esta, por sua vez, aprimorar-se-ia por meio das traduções do latim efetuadas em mosteiros, sobretudo o de Alcobaça¹⁹ e o de Santa Cruz. Só assim a língua amplia seu vocabulário, estiliza as construções sintáticas e aumenta sua capacidade expressiva.

Difundiam-se paulatinamente as ideias universitárias e o latim, como língua da filosofia, das ciências e das artes, torna-se língua internacional e, por conseguinte, base da educação e da cultura. Por isso se fazia presente em todas as escolas de orientação religiosa nas quais eram ministradas aulas de Teologia, Lógica e Gramática Latina: uma preparação aos estudos de Dialética e Retórica, desenvolvidos na Universidade já presentes desde o século XIII.

Aprendia-se a ler e a escrever em latim, continuando a língua portuguesa, ainda que língua oficial, a ser aprendida somente na comunicação do dia a dia: aos poucos os neologismos latinos incorporavam-se à língua, ou aparecem já modificados no vernáculo: *flama* (ainda que houvesse “chama”), *álacre* (forma alatinada de “alegre”), o que já pronunciava uma prática comum no século XVI.

Começa aí então uma verdadeira revolução no vernáculo, o qual se enriquece lexicalmente, define suas estruturas oracionais, o que lhe permite rivalizar com o espanhol. As letras clássicas renascem sob os auspícios da grande revolução social, econômica e artística desse período. Os clássicos são traduzidos e imitados ao mesmo tempo em que a navegação portuguesa desvendava novos mundos.

Os movimentos histórico-culturais setecentistas, por sua vez, motivaram um maior afluxo literário que permitiu o pensamento brasileiro rivalizar com o português e o romance se definir como gênero de destaque. Opera-se uma revolução na linguagem despertada pelo espírito nacionalista que busca uma identidade com os valores do novo mundo.

2. A presença do latim

A preocupação com a tradição clássica lusitana produz no século XIX um aumento do número de gramáticas, as quais, de um modo geral,

¹⁹ Daí também o “dicionário de Alcobaça”, uma listagem, escrita no século XIV, de aproximadamente três mil verbos latinos, ao lado dos quais se acrescentou, no século XV, a tradução em português.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

não refletiam a língua falada e escrita do período, mas as dos modelos clássicos. O próprio Alencar, defendendo-se da acusação de incorreção e pretensão de criar uma língua brasileira, recorria eventualmente a citações de autores clássicos. Machado, por outro lado, mais comedido, reconhecia os novos usos linguísticos e propunha um resgate do pensamento antigo por sua atualidade:

Mas estudar-lhes as formas mais apurada da linguagem, desentranhar deles mil riquezas que, à força de velhas, se fazem novas, não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo temos os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.²⁰ (ASSIS, 1873, p. 108)

Múltiplos são os gêneros que surgem no decorrer do século XIX, uns mais estilísticos outros mais sóbrios, o que comprova a versatilidade literária característica da maturidade oitocentista, que recorria com frequência a latinismos tais como *agro*²¹ (<*acru-*, “acre”, “ácido”), *álacre* (<*alacre-*, “alegre”), *algente*²² (<*algente-*, “muito frio”), *mesto*²³ (<*mæstu-*, “triste”), *pulcro* (<*pulchru-*, “belo”).

Muitos exemplos são frequentemente encontrados em Gonçalves Dias: “Só vê isto o profano, mas o *antiste*²⁴ / De Deus a sombra vê, e a voz lhe escuta”²⁵. Em “Os Timbiras” temos ainda:

Talvez o lenhador quando acomete
O tronco d’alto cedro corpulento,
Vem-lhe tingido o fio da *segure*²⁶
De puro mel, que abelhas fabricaram.²⁷

²⁰ Atualizamos a ortografia das edições consultadas.

²¹ Na “Obra poética”, de Gonçalves Dias (1823–1864) temos um exemplo: “E nós inda em nossa pátria / Longe – longe – viveremos. / Mesmo ali – *agra* saudade / Um do outro curtiremos” (*apud* FERREIRA, 1986, p. 65).

²² Destacamos nas “Poesias” (1888), de Olavo Bilac: “Agora, a deslizar pelo arvoredo mudo, / Como um choro de prata *algente* o luar escorre” (*ibidem*, p. 83).

²³ Gonçalves Dias nos traz em sua “Obra poética”, como exemplo: “Ainda escuto os ecos / Duma fugaz ventura, / Que assim me deixou triste / Em *mesta* solidão” (*ibidem*, p. 1125).

²⁴ Também “antístite” (< do acus. *antistite*, “chefe superior”, “presidente respeitável de alguma corporação”). É possível que a forma “antístite” acima tenha vindo do nominativo (*antistes*).

²⁵ Gonçalves Dias, “A virgem”, in: “Segundos Cantos” (1848, ed. princeps, p. 13).

²⁶ Vem do lat. *secure-* “machado”, que por sua vez veio de *secare* (cortar). Encontra-se lexicografado (HOUAISS; AULETE).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

E mais um outro exemplo nos “Últimos Cantos”:

Hei de ser mais feliz porque m’o²⁸ cobre
Pomposo mausoléu, em vez da pedra
Sem nome, - em vez do túmulo de *céspedes*²⁹
Que s’ergue junto à estrada, e ao viandante
Ao que ali passa, uma oração suplica?³⁰

Além destes, recorreu a outros latinismos menos usuais como *ebri-festante*³¹, *flamívomo*³², *ignívomo*³³, etc. Alencar, do mesmo modo, em seus romances se vale de outros latinismos pouco usuais como *múrmures*³⁴, *rúbido*³⁵, *tripúdio*³⁶, *umbria*³⁷, *vetusta*³⁸, *temulência*³⁹.

²⁷ DIAS, G. Os timbiras, 1. ed., 1857, p. 3.

²⁸ Meu corpo.

²⁹ Do latim *cespete*-, “torrão de terra com relva”.

³⁰ “O meu sepulcro”, in: “Últimos cantos” (1851, ed. princeps, p. 256).

³¹ Diz-se também “ebri-festivo”, “alegre de embriaguez”. Vem do lat. *ebriu*-, que por sua vez vem de *bria*, “copo de vinho”, daí também o port. *sóbrio* (*sub* + *bria*). Nas “Obras poéticas”, de Gonçalves dias encontramos o seguinte verso: “Nas ondas do prazer *ebri-festante*” (*apud* FERREIRA, *op. cit.*, p. 615).

³² Do lat. *flamma*-, “chama”, e *vomere*, “vomitar” (que vomita ou lança chamas). Nas *Poesias* (1898) de Raimundo Correia encontramos o exemplo seguinte: “Comburentes, *flamívomas* bombardas” (*ibidem*, p. 786).

³³ Do lat. *igne*-, “fogo”, e *vomere*, “vomitar” (que vomita fogo). Antônio Feliciano de Castilho na *chave do enigma* se valeu também deste termo: “Voa, remonta impaciente aos astros o *ignívomo* foguete” (*apud* AULETE, 1978, vol. III, p. 1899).

³⁴ Nas edições mais recentes escreve-se “múrmuros” (do lat. *mumure*-, “rumor sussurrante”). “Os suspiros do coração se difundiram nos *múrmures* do deserto” (*Irac.*, 1865, 1. ed., p. 40, p. 81).

³⁵ Do lat. *rubidu*-, “vermelho escuro”. “Seu olhar *rúbido* viu o guerreiro branco entre nuvem de sangue” (*ibidem*, p. 83).

³⁶ Do lat. *tripudiu*-, “dança religiosa ou qualquer dança”. “O pajé inspirado conduzia o sagrado *tripúdio* e dizia ao povo crente os segredos de Tupã” (*ibidem*, p. 13).

³⁷ Do lat. *umbra*-, “sombra”. “O sol remontou a *umbria* da serra” (*ibidem*, p. 40).

³⁸ Do lat. *vetustu*-, “velho”. “Iracema...tinha os olhos postos na sombra do guerreiro, que a chama do fogo projetava na *vetusta* parede da cabana” (*ibid.*, 59).

³⁹ Do lat. *temulentia*-, “embriaguez”. “A *temulência* da paixão injetando os músculos, e insuflando as narinas, apagou todos aqueles surcos rasgados pela sanha” (*Til*, vol. I, 1872, p. 55).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Assim como os anteriores, Olavo Bilac recorre a inúmeros latinismos, sobretudo em seu poema “Delenda Carthago”, cujo tom épico se eleva ainda mais por meio deste recurso:

Maneja a bipenada⁴⁰ e rude machadinha.
...
Leva do gládio⁴¹ ...
...
Brandem o *pilum*⁴² no ar. Resona, a espaços, rouca,
A bélica *bucina*⁴³. A tuba⁴⁴ cava à boca
Dos *eneatores*⁴⁵ troa...⁴⁶

Inúmeros são também os latinismos presentes em simbolistas como Cruz e Souza, o qual lhes recorreu na tentativa de conferir aos versos um efeito sonoro e sugestivo: “A candidez da *róscida*⁴⁷ camélia.⁴⁸ // Ó

⁴⁰ Do lat. *bipennis*, -e, “machadinha de dois gumes”, “bipene”, donde *bis*, “duas vezes” e *penna*, “pena”; cf. Virgílio, *ferrum bipenne*, in: SARAIVA, 1993, p. 149. Alguns léxicos registram para este sentido somente “bipene”, e definem para “bipenado” um sentido específico da botânica. Outros identificam o mesmo sentido para ambas as formas (vide Aulete e Cândido de Figueiredo). Nenhum remete ao sentido clássico criado por Bilac.

⁴¹ *Gládio* (<*gladius*-), espada curta romana.

⁴² Aqui (ed. de 1902) com a ortografia latina: Bluteau registra “pilo”. Era um dardo pesado que os romanos arremessavam contra o inimigo.

⁴³ Do lat. *buccina*-, de *bucca*, “corneta (de guerra)”.

⁴⁴ Do lat. *tuba*-, “trombeta (de guerra)”.

⁴⁵ Do latim *aeneator*, “tocadores de trombeta”. Os léxicos portugueses não registram este latinismo morfológico; outro, contudo, *fléxiles*, presente no poema *Um trecho de Gautier*, aparece abonado: “... a laçaria brava / dos *fléxiles* cipós curvos e resistentes” (BILAC, 1902, p. 103). Vemos também em Alberto de Oliveira: “Dos *fléxiles* bambus pela alameda / Clara do saibro solto das colinas / Passamos” (*apud FERREIRA, op. cit.*, p. 787).

⁴⁶ Bilac (*op. cit.*, p. 29-30).

⁴⁷ Do lat. *roscidu*-, de “*ros, roris*”, “de orvalho”. Observe que a ortografia atual, *róscido*, respeita a forma latina. Na edição *princeps* lemos, contudo, “rosida”. Diz-se também “rórido”, adjetivo de mesmo sentido constituído do radical do genitivo: “atravessando regiões estéreis, supliciados pela sede, ...lambiam as folhas *róridas*” (COELHO NETO, “O rajá de Pendjab” *apud FERREIRA, op. cit.*, p. 1522). Do mesmo radical formou-se o verbo “rorejar”: “Iracema saiu do banho: o aljôfar d’água ainda a *roreja*, como a doce mangaba que corou em manhã de chuva” (*ibidem*). Como também temos ainda “rorar”: “Caiu-lhe aos pés, tomo-lhe as pequeninas / Mãos que com a chuva de meus prantos *roro*” (ALBERTO DE OLIVEIRA, “Poesias”, 2ª série, *ibidem*).

⁴⁸ “Espasmos”, in: “Últimos sonetos”, 1905, 1. ed., p. 153.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Rosa *pulcra*⁴⁹ dos Rosais polares!⁵⁰ // E ondulam névoas, cetinosas rendas / De virginais, de *prónubas*⁵¹ alvuras...⁵².

De origem latina também são os diversos arcaísmos, que podem ser fonéticos (*mi*, *imigo*, *soidão*⁵³, *arruído*⁵⁴, *moimento*⁵⁵), morfológicos (*nado*⁵⁶, *ofeso*⁵⁷) e semânticos (*praticar*⁵⁸, *arrear*⁵⁹). Muitos como *tri-*

⁴⁹ Do lat. *pulchra*-, “bela”. Daí o superlativo erudito sintético em vernáculo “pulquérismo”. Encontramos um exemplo nas *Últimas páginas* de Eça de Queiroz, uma publicação póstuma (1912), escrita antes de 1900, ano de sua morte: “Assim Roma *pulquérismo*, abrangendo sete montes, se tornou a maravilha do mundo” (apud FERREIRA, op. cit., p. 1417).

⁵⁰ “*Regina Caeli*”, in *Broquéis*, 1893, 1ª ed., p. 29.

⁵¹ Do lat. *pronubu*-, junção de *pro* mais *nubere*, que designa propriamente “cobrir-se com o véu de noiva (*flammeum*)”, e daí “casar-se (a mulher)”, e daí o adjetivo acima “nupcial”, “de himeneu”. A *pronuba* na antiga Roma era aquela que assistia e acompanhava a noiva, a madrinha de casamento.

⁵² “*Lua*”, in *Broquéis*, p. 50.

⁵³ Do lat. *solitudine*- (*desolus*). Guerra Junqueiro nos deixa um exemplo em “A velhice do padre eterno”: “Deixa a *soidão* dos montes escavados” (apud FERREIRA, op. cit., p. 1605).

⁵⁴ Do lat. *rugitu*-, “rugido”, apoiado pelo “a-” protético, que “era prefixado a palavras começadas por r” (WILLIAMS, 1986, §117). Nos versos de Alberto de Oliveira encontramos o seguinte exemplo: “Música – uns finos, leves *arruídos*” (apud FERREIRA, op. cit., p. 175).

⁵⁵ Do lat. *monimentu*- (*demonere*, “lembrar”), “tudo que serve para lembrar”. Aurélio e Houaiss registram este arcaísmo.

⁵⁶ Do lat. *natu*- (part. pas. de *nascor*), “nascido”. Gonçalves Dias em seu “I-Juca Pyrama” escreve: “Não era *nado* o sol, quando partiste” (in: “Últimos cantos”, ed. princeps, p. 24). Na peça “O alfageme de Santarém”, nos diz Garrett: “Aqui foi *nado* e criado certamente” (apud AULETE, op. cit., vol. IV, p. 2464).

⁵⁷ Do part. pas. tard. do lat. *offendere*, “bater contra”: onde a forma assimilada *of-* vem de *ob-*, “diante de”, junta-se ao arc. *fendere*, “aguilhoar”: observe ainda que em lat. cl. o part. pas. deste verbo é *offensum*, daí o ptg. “ofensa”, “ofensivo”, e o termo “ofeso”, do que se tem o sentido de “ofendido”, como vemos em Gonçalves Dias: “Deus *ofeso* / Tira os olhos do mundo e o mundo há sido!” (“*Dies irae*”, in: “Cantos: coleção de poesias”, 1857, p.267). Aurélio e Houaiss não registram; o Aulete sim.

⁵⁸ Denotando “conversar”, vem do lat. *practice* (com acresc. sufixal), proveniente do gr. Πρακτική, “a ciência prática em oposição à especulativa” (cf. PEDRO MACHADO, 1977). “Os velhos sentados *praticam* doutrora” (GONÇALVES DIAS apud AULETE, op. cit., vol. IV, p. 2913). “*Praticava* em frases breves e raros monossílabos” (EUCLIDES DA CUNHA, “Sertões”, *ibidem*).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

*gança*⁶⁰ e *asinha*⁶¹ caíram completamente no olvido. Destacam-se ainda no uso dos arcaísmos dois escritores oitocentistas: Machado (*grão*, *mor*, *heis*⁶², *peitar*⁶³, *comborço*⁶⁴) e Rui Barbosa (*avença*⁶⁵, *esmar*⁶⁶, *cadimo*⁶⁷,

⁵⁹ Significando “enfeitar”. Segundo Pedro Machado (*op. cit.*, vol. I, p. 315) veio do lat. vlg. **arredare*, cuja raiz **rêd-*, “meio”, “provisão”, teria vindo do gótico. (cf. al. *Rat*, “conselho”). Por ser hipotético (observe o asterisco), não há registro no Du Cange deste termo. Temos um exemplo com este sentido em “O Regicida”, de Camilo Castelo Branco: “Quando um marido assim *arreia* sua mulher para exibir nos adros das igrejas” (*apud* FERNANDES, 1951, p. 96).

⁶⁰ Para Pedro Machado (1977, vol. V, p. 338) teria vindo do latim *tricare*, de *tricari*, “arranjar dificuldades, aborrecer”. Silveira Bueno (1968, vol. 8, p. 4075) confirma a origem latina, cujo primeiro significado, segundo ele, teria sido “fazer, levantar dificuldades, amolar”. Depois teria passado “a oprimir, torturar, afligir”, adquirindo em seguida o sentido figurativo de “ter pressa, estar torturado pela pressa”. O “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias nos exemplifica: “Entanto as mulheres com leda (<*letu-*) *trigança*, / Afeitas ao rito da bárbara usança, / O índio já querem cativo acabar” (*apud* AULETE, *op. cit.*, vol. V, p. 3658).

⁶¹ Derivado do latim *agina*: fem. do adj. *aginus*, de *agere*, “pesar”, especificamente “arrastar ou agitar o flagelo da balança” (cf. MACHADO, *op. cit.*, vol. I, p. 330). Pedro Machado nos explica que é o “orifício onde se move o fiel da balança, mais tarde ‘balança’”, devia “tratar-se de sentido tomado da rapidez com que se agita o ponteiro da balança” (*ibidem*), e daí o sentido de “depressa”, presente no poema “A pátria”, Guerra Junqueiro: “E eu lá daquela altura que amedronta, / Sem poder abalar, correr *asinha*, / Vingam com mão sanhosa a dura afronta!” (*apud* FERREIRA, *op. cit.*, p. 181).

⁶² Forma reduzida de *haveis*, que provém do verbo latino *habere*, “ter”. “Folhas misérrimas do meu cipreste, *heis* de cair, como quaisquer outras belas e vistosas” (“Memórias pós-tumas de Brás Cubas”, 1881, 1. ed., p. 203).

⁶³ Do lat. *pactum*, “acordo”, “promessa”, e daí “subornar”, como identificamos em Machado de Assis: “Era uma modo de *peitar* a vontade divina pela quantia das orações” (“Dom Casmurro”, 1899, 1. ed., p. 62). No Brasil hodierno usa-se coloquialmente a forma convergente, do lat. *pectu-*, com o sentido de “afrontar”:

⁶⁴ “Amante do cômjuge”. A. G. Cunha (1989, p. 198) data como do século XIII (*conboço*). Antenor Nascentes (1966, p. 189) remete para o feminino “comborça” o qual nos diz ser “de origem incerta, provavelmente do céltico **bertium*, ‘leito’”. “Cheiram ao mar e à maré que deram morte ao meu amigo e *comborço* Escobar” (“Dom Casmurro”, 1899, p. 361).

⁶⁵ Do lat. **adventia*, “chegada”, do mesmo radical de “advir”, e daí o sentido de “acordo”. “Nem entre os (mestres) do gramaticar, entidades aliás nem sempre entre si de boa *avença*, encontrará guarida a proposição do mestre” (“Réplica” *apud* FERNANDES, 1984, p. 65).

⁶⁶ Do lat. *aestimare*, “avaliar”, e daí “calcular”. “Da parte do comprador houve evidente erro; da do vendedor, manifestamente *dolo*. A inexperiência do primeiro podia *esmar* em 200 alqueires...” (“Parecer”, in: “Obras completas”, XXIV, T. II, escrita em 1897, ed. de 1952, p. 210).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

*teúda e manteúda*⁶⁸), o qual se justifica em seus “Escritos e discursos seletos” (1902):

Ora não conheço nada mais arbitrário que a temeridade e o aprumo, com que as ditaduras filológicas, exercidas pelo dicionário, ou pela gramática, desvalijam a língua de gemas inestimáveis, removendo-as como antigualhas e fósseis para os arquivos e museus da curiosidade inútil.⁶⁹

Difícil, por vezes, é distingui-los dos regionalismos, pois que estes são, de um modo geral, formas já alteradas daquele. Exemplo disso são “Memórias de um sargento de milícia”⁷⁰ de Manuel Antônio de Almeida, a qual retrata a linguagem coloquial da primeira metade oitocentista: *arrenegar*⁷¹, *carola*⁷², *escabriado*⁷³, *lambisgóia*⁷⁴, *xilindró*⁷⁵. Difi-

⁶⁷ Do ár. *qadîmu*, “velho”, do que provém “ardiloso”. “...o brasileiro degenerado, o malfetor público, o *cadimo* réu de incivismo, que, de relapsia em relapsia, acabou constituindo-se o criminoso-mor do Brasil” (“A imprensa e o dever da verdade”, conferência escrita em 1920, ed. de 1990, p.20).

⁶⁸ Significa “tida e sustentada”. O termo “teúdo” provém do lat. **tenutu*, por *tentu*, part. pas. de *tenere*, “segurar”. O participio passado dos verbos da 2ª conj. latina tinham por desinência no latim vulgar a forma *-utu*, daí o português arcaico *avudo* (< aver), *teudo* (< teer), *creudo* (< creer), *sabudo* (< saber), *perduto* (< perder), *sofrudo* (< sofrer), *conocudo* (< conocer), *vençudo* (< vencer), *recebudo* (< receber) (HUBER, 1986, §371). Manteve-se apenas a expressão “teúda e manteúda” da linguagem jurídica, referindo comumente à concubina, como também no substantivo “conteúdo”.

⁶⁹ *Obras Completas*, 1953, vol. XXIX, t. III, p. 412.

⁷⁰ Sai pela primeira vez em folhetim (1852) num suplemento do jornal *Correio Mercantil*. Diante do sucesso, reúnem-se os exemplares em dois volumes, cujo primeiro volume é publicado em 1854 e o segundo em 1855.

⁷¹ Do lat. **ad+re+negare*, “amaldiçoar”. “*Arrenego* do homem que é um valdevinos às direitas.” (ALMEIDA, 1855, p. 134). Pedro Machado (*op. cit.*, vol. V, p.76) acrescenta que esta variação de **renegare* já se encontrava no séc. XIV, uma vez que está registrada no *Dicionário de Alcobaça* (nº 357).

⁷² Do lat. *corolla*, diminutivo de *corona*, “coroa”, que os padres abrem no cabelo, no alto da cabeça, e daí “beato” (Vide PEDRO MACHADO, *op. cit.*, vol. II, p. 81). “Este ato que satisfazia a devoção dos *carolas*, dava pasto e ocasião...” (ALMEIDA, 1854, p. 25).

⁷³ *Desconfiado*. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco *escabriado*... (*ibidem*, p. 74). “Meio *descabriado*, o cabra tirou a primeira moça” (SINVAL SÁ, “O sanfoneiro do riacho da Brígida” *apud* CABRAL, 1972, p. 364). Não há registro desta forma protética no Aurélio ou Houaiss. Para Pedro Machado, Nascentes e Bueno este termo tem por base “cabra”.

⁷⁴ *Intrometido*. “E a noiva?...respondia a outra; arrenego também da *lambisgoia*...” (ALMEIDA, 1855, p. 77). Nascentes remete para Cândido de Figueiredo concordando com o étimo latino *lambere*, “lamber”. Bueno (*op. cit.*, vol. 5, p. 2084) confirma a origem afirmando ter vindo de “lambiscar” (comer pouco embora frequentemente), frequentativo de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cil, por vezes, é distingui-los dos regionalismos, pois que estes são, de um modo geral, formas já alteradas daquele. Exemplo disso são *Memórias de um sargento de milícia*⁷⁶ de Manuel Antônio de Almeida, a qual retrata a linguagem coloquial da primeira metade oitocentista: *arrene-gar*⁷⁷, *carola*⁷⁸, *escabriado*⁷⁹, *lambisgóia*⁸⁰, *xilindró*⁸¹. Registre-se de mesmo modo o vocabulário presente no *Inocência* de Taunay, o qual, por retratar de forma fiel o linguajar de seus personagens, apresenta-se como um verdadeiro manual dialetológico (grifado pelo próprio autor) da regi-

“lamber”, tomado do lat. tard. *lambiscere*. Segundo ele, não haveria explicação para o sufixo “-goia”.

⁷⁵ *Cadeia*. “...pensei que ainda estava de *xilindró* tomando fortuna por causa dessa cigana...” (ALMEIDA, 1854, p. 96). Nascentes cita apenas no *Resumido* (1966, p. 176) referindo-se à relação que B. L. Wagner (não há este autor em sua Bibliografia. Seria M. L. Wagner, *Dizionario etimológico sardo?*) faz deste termo com o termo “cilindo”, que por via erudita provém do lat. *kylindru*, que, por sua vez, vem do gr. *Κυλινδρος*. Bueno diz apenas ser criação da gíria dos ladrões; Houaiss diz ser de origem obscura.

⁷⁶ Sai pela primeira vez em folhetim (1852) num suplemento do jornal *Correio Mercantil*. Diante do sucesso, reúnem-se os exemplares em dois volumes, cujo primeiro volume é publicado em 1854 e o segundo em 1855.

⁷⁷ Do lat. **ad+re+negare*, “amaldiçoar”. “*Arrenego* do homem que é um valdevinos às direitas.” (ALMEIDA, 1855, p. 134). Pedro Machado (op. cit., vol. V, p.76) acrescenta que esta variação de **renegare* já se encontrava no séc. XIV, uma vez que está registrada no *Dicionário de Alcobaça* (nº 357).“

⁷⁸ Do lat. *corolla*, diminutivo de *corona*, “coroa”, que os padres abrem no cabelo, no alto da cabeça, e daí “beato” (Vide Pedro Machado, op. cit., vol. II, p. 81). “Este ato que satisfazia a devoção dos *carolas*, dava pasto e ocasião...” (ALMEIDA, 1854, p. 25).

⁷⁹ *Desconfiado*. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco *escabriado*... (*ibidem*, p. 74). “Meio *descabriado*, o cabra tirou a primeira moça” (Sinval Sá, *O sanfoneiro do riacho da Brígida*, apud CABRAL, 1972, p.364). Não há registro desta forma protética no Aurélio ou Houaiss. Para Pedro Machado, Nascentes e Bueno este termo tem por base “cabra”.

⁸⁰ *Intrometido*. “E a noiva?...respondia a outra; arrenego também da *lambisgoia*...” (ALMEIDA, 1855, p. 77). Nascentes remete para Cândido de Figueiredo concordando com o étimo latino *lambere*, “lamber”. Bueno (op. cit., vol. 5, p. 2084) confirma a origem afirmando ter vindo de “lambiscar” (comer pouco embora frequentemente), frequentativo de “lamber”, tomado do lat. tard. *lambiscere*. Segundo ele, não haveria explicação para o sufixo “-goia”.

⁸¹ *Cadeia*. “...pensei que ainda estava de *xilindró* tomando fortuna por causa dessa cigana...” (ALMEIDA, 1854, p. 96). Nascentes cita apenas no *Resumido* (1966, p. 176) referindo-se à relação que B. L. Wagner (não há este autor em sua Bibliografia. Seria M. L. Wagner, *Dizionario etimológico sardo?*) faz deste termo com o termo “cilindo”, que por via erudita provém do lat. *kylindru*, que, por sua vez, vem do gr. *Κυλινδρος*. Bueno diz apenas ser criação da gíria dos ladrões; Houaiss diz ser de origem obscura.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ão que lhe serve de cenário (sul do Mato Grosso, Minas e Góias): *embromador*⁸², *desembuchar*⁸³, *anarquizado*⁸⁴, *pinoia*⁸⁵.

Registre-se de mesmo modo o vocabulário presente no *Inocência* de Taunay, o qual, por retratar de forma fiel o linguajar de seus personagens, apresenta-se como um verdadeiro manual dialetológico (grifado pelo próprio autor) da região que lhe serve de cenário (sul do Mato Grosso, Minas e Góias): *embromador*⁸⁶, *desembuchar*⁸⁷, *anarquizado*⁸⁸, *pinoia*⁸⁹.

⁸² *Enganador*. “Olhe, Sr. Cirino, vou lhe dizer uma cousa, que talvez lhe pareça *embromação*” (TAUNAY, 1872, p. 33). Poucos são os lexicógrafos que citam este verbete. Silveira Bueno remete para o esp. *bromar*, “mentir”, “enganar”, “brincar”. Diz ter vindo de “broma”, que veio do lat. *bruma*, “inverno”, e nos dá como cognatos “embromação”, “embromador” (cf. BUENO, *op. cit.*, vol. 3, p. 1085). Já no verbete “broma” aponta para o gr. *broma*, *-atos*, “alimento”, obtendo por extensão em vernáculo o sentido de “mentira”, que se prega pra que os outros comam. Daí viria *embromador*, “mentiroso”. Corominas (1976, vol. I, p. 524-5) nos dá detalhes históricos desta palavra. Explica que o verbete “broma”, do gr. βρόμα (cárie), era o molusco que corroía o casco dos navios. Antigamente “broma”, segue ele, tinha a acepção de algo pesado dado o peso em excesso que adquiria as navegações com o casco infestado desse molusco. A ideia de peso, quer crer Corominas, e lentidão, cremos, com que este verme corrói a madeira do navio, associou-se ao sentido de “embromar” (perder tempo) que temos no Chile, México, Peru e Brasil.

⁸³ *Falar logo*. “É preciso que eu *desembuche* o que tenho cá dentro, senão estouro...” (TAUNAY, *op. cit.*, p.273). Bueno (*op. cit.*, vol. 2, p. 925, v. ‘desembuxar’) relaciona à buxa de uma arma de fogo, e daí o sentido figurativo de dizer o que está encoberto. Ainda que na edição *princeps* de Taunay tenhamos “desembuxe”, escreve-se hodiernamente “desembuchar” o que para Houaiss e Adolpho Coelho (1890, vol. I, p. 550, v. ‘embuchar’) seria “tirar do bucho” ou simplesmente “dizer”.

⁸⁴ *Desmoralizado*. “Eu metido no meu canto... vivendo tão sossegadinho... não bulindo com ninguém e agora *anarquizado* com estes mexericos!” (TAUNAY, *op. cit.*, p. 266). Pedro Machado (*op. cit.*, vol. I, p. 243) nos certifica que veio do grego *anarchia*, “ausência de chefe”, por intermédio do francês *anarchie*. Daí o sentido de “desordem civil que provém dessa ausência” (comp. de άv “ideia de privação” + άρχη, “governo”: cf. GALVÃO, 1994, p. 46-47). Aqui em Taunay adquire um sentido figurativo que lexicograficamente se tem como um brasileirismo. Do mesmo modo, aparece em outros contextos com o sentido de “desarrumado”, o que também se associa à ideia de desordem.

⁸⁵ *Homem fraco*. “Não sou nenhum *pinoia*...” (TAUNAY, *op. cit.*, p. 149). É também um brasileirismo desusado e se lhe recorria para manifestar aborrecimento: “Que pinóia, está chovendo!” (cf. Ferreira, AURÉLIO, *op. cit.*, p. 1332). Quanto à etimologia, diz Bueno (*op. cit.*, vol. 6, p. 3038, v. ‘pino’) que popularmente “pino” representa o “membro viril”, donde o verbo *pinar*, “copular”, e o substantivo *pinoia*, “meretriz”. Lembra-nos que “já se encontra no latim de Petronio *pinna* no sentido de *palito*, pauzinho ponteado para limpar os dentes: ... ut deinde *pinna argentea* dentes perfodit”. Aqui, explica-nos ele, aparece como um pauzinho de prata, mas em geral era de madeira.

⁸⁶ *Enganador*. “Olhe, Sr. Cirino, vou lhe dizer uma cousa, que talvez lhe pareça *embromação*” (TAUNAY, 1872, p. 33). Poucos são os lexicógrafos que citam este verbete. Sil-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

E as sugestões de nosso defensor da língua constituem um glossário, no final do livro, do qual trazemos alguns itens: somente um termo se pôs em uso e ainda hoje é usado:

Abat-jour – *lucivelo*⁹⁰ (do rad. lat. *luc-*, “luz” e do verbo *velare*, “cobrir”).
Avalanche – *runimo*⁹¹ (do lat. *ruere*, “correr precipitadamente”, mais *nix*, “neve”, e *mole-*, “massa”).
Menu – *cardápio*⁹² (do lat. *charta*, “papel”, e *dap-*, de *daps*, *dapis*, “lista

veira Bueno remete para o esp. *bromar*, “mentir”, “enganar”, “brincar”. Diz ter vindo de “broma”, que veio do lat. *bruma*, “inverno”, e nos dá como cognatos “embromação”, “embromador” (cf. BUENO, *op. cit.*, vol. 3, p. 1085). Já no verbete “broma” aponta para o gr. *broma*, *-atos*, “alimento”, obtendo por extensão em vernáculo o sentido de “mentira”, que se prega pra que os outros comam. Daí viria *embromador*, “mentiroso”. Corominas (1976, vol. I, pp. 524-525) nos dá detalhes históricos desta palavra. Explica que o verbete “broma”, do gr. βρῶμα (cárie), era o molusco que corroía o casco dos navios. Antigamente “broma”, segue ele, tinha a acepção de algo pesado dado o peso em excesso que adquiria as navegações com o casco infestado desse molusco. A ideia de peso, quer crer Corominas, e lentidão, cremos, com que este verme corrói a madeira do navio, associou-se ao sentido de “embromar” (perder tempo) que temos no Chile, México, Peru e Brasil.

⁸⁷ *Falar logo*. “É preciso que eu *desembuche* o que tenho cá dentro, senão estouro...” (TAUNAY, *op. cit.*, p. 273). Bueno (*op. cit.*, vol. 2, p. 925, v. ‘desembuxar’) relaciona à buxa de uma arma de fogo, e daí o sentido figurativo de dizer o que está encoberto. Ainda que na edição *princeps* de Taunay tenhamos “desembuxe”, escreve-se hodiernamente “desembuchar” o que para Houaiss e Adolpho Coelho (1890, vol. I, p. 550, v. ‘embuchar’) seria “tirar do bucho” ou simplesmente “dizer”.

⁸⁸ *Desmoralizado*. “Eu metido no meu canto... vivendo tão sossegadinho... não bulindo com ninguém e agora *anarquizado* com estes mexericos!” (TAUNAY, *op. cit.*, p.266). Pedro Machado (*op. cit.*, vol. I, p. 243) nos certifica que veio do grego *anarchia*, “ausência de chefe”, por intermédio do francês *anarchie*. Daí o sentido de “desordem civil que provém dessa ausência” (comp. de ἀν “ideia de privação” + ἀρχή, “governo”: cf. GALVÃO, 1994, pp. 46-47). Aqui em Taunay adquire um sentido figurativo que lexicograficamente se tem como um brasileirismo. Do mesmo modo, aparece em outros contextos com o sentido de “desarrumado”, o que também se associa à ideia de desordem.

⁸⁹ *Homem fraco*. “Não sou nenhum *pinoia*...” (TAUNAY, *op. cit.*, p. 149). É também um brasileirismo desusado e se lhe recorria para manifestar aborrecimento: “Que pinóia, está chovendo!” (cf. AURÉLIO, *op. cit.*, p. 1332). Quanto à etimologia, diz Bueno (*op. cit.*, vol. 6, p. 3038, v. ‘pino’) que popularmente “pino” representa o “membro viril”, donde o verbo *pinar*, “copular”, e o substantivo *pinoia*, “meretriz”. Lembra-nos que “já se encontra no latim de Petrónio *pinna* no sentido de *palito*, pauzinho ponteados para limpar os dentes: ... ut deinde *pinna argentea* dentes perfodit”. Aqui, explica-nos ele, aparece como um pauzinho de prata, mas em geral era de madeira.

⁹⁰ Registrado no Houaiss e no Aurélio.

⁹¹ Não há registro lexicográfico.

⁹² De uso comum.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de comida”).

Pic-nic (ing.) e piquenique (fr.) – *convescote*⁹³ (do lat. *cum*, “ideia de companhia”, e o rad. *esc-*⁹⁴, de verbo *esse*, “comer”).

Tourist (ingl) – *ludâmbulo*⁹⁵ (do lat. *ludus*, “divertimento”, e *ambulare*, “passar”).

Além dos neologismos presentes em Cruz e Sousa (*crepusculamento*⁹⁶, *resplandescência*⁹⁷, *volúpicas*⁹⁸, *hostial*⁹⁹, *violinar*¹⁰⁰) menção

⁹³ Patentado no Houaiss como criação do Dr. Castro Lopes.

⁹⁴ Dr. Castro Lopes faz menção no seu livro ao antigo “escote”, que, segundo ele, era o “quinhão dado por cada um para a despesa” (cf. LOPES, 1889, p. 35).

⁹⁵ Presente no Aurélio e no Houaiss.

⁹⁶ Do lat. *crepusculu-*, (que tem como base *creperus*, “obscur, puis ‘douteux’”, cf. ERNOUT-MEILLET, 2001, p. 149; temos duas ideias que evocam a “luz incerta” do fim de tarde) entra no vernáculo por via erudita no séc. XVI (cf. MACHADO P., *op. cit.*, vol. II, p. 250). “Ventos desencontrados e duros, soprando rijos no *crepusculamento* da tarde...” (SOUZA, 1898, 1. ed., p. 212). Não há registro lexicográfico.

⁹⁷ “E, sob a noite, que pompeava profunda, aureolada da *resplandescência* maravilhosa das Estrelas e da Lua...” (*Ibidem*, p. 196). Os dicionários grafam “resplandecência”. Até mesmo Fr. Domingos Vieira, publicado antes da 1ª edição das *Evocações*. Antenor Nascentes em sua versão resumida (*op. cit.*, p. 650) nos diz ser uma “alteração de *resplender*” (do lat. *resplendescere*, v. inc. de *resplendere*, “brilhar”) que, por sua vez, chega no vernáculo por via semi-erudita. Cruz e Souza, certamente, segue a grafia latina com o infixo *-sc-*.

⁹⁸ Do lat. *Volupia-*, “deusa do prazer”. “Do mar e luars de contemplativas, / Vagas visões *volúpicas*, velozes...” (SOUZA, 1893, 1. ed., p. 113). Não há registro lexicográfico de “volúpico”. Ernout-Meillet (*op. cit.*, p.752) remonta este termo ao antigo neutro *uolup*, do adjetivo **uolupis*, “ser agradável”. Nos cômicos, confirma Ernout-Meillet, vê-se a expressão *uolup(e) est*, “é um prazer”.

⁹⁹ “Pureza *hostial* e púbere de pomas” (SOUZA, 1900, 1 ed., p. 21). Não há registro lexicográfico deste qualificativo formado do substantivo “hóstia”. Na antiga Roma *hostia* era a vítima expiatória que se prestava às predições dos arúspices. Posteriormente tornou-se de uso eclesiástico, “pois os teólogos passaram a aplicá-lo a Jesus Cristo que, segundo o ensino da Igreja, se ofereceu como vítima na cruz” (MACHADO, *op. cit.*, vol. III, p. 245).

¹⁰⁰ “Beijos congelados, as estrelas *violinavam* a sua luz de eternidade e saudade” (SOUZA, 1898, p. 263). Não há registro lexicográfico. A sua base de formação, “viola”, comenta Antenor Nascentes ter vindo do provençal *viula* e cita como referência o verbete 9419 do *REW*, presente na 3ª edição. Remete-nos à sugestão de Adolfo Coelho que acredita ter vindo do baixo latim *vitula*, de *vitulare*, “saltar como um coelho”, “alegrar-se”, fato com o qual Meyer-Lübke não concorda (cf. NASCENTES, 1932, p. 817, v. “viola”). É bem possível que Adolfo Coelho tenha-se valido da proposta de Friedrich Diez (1864, p. 457) a respeito desse étimo:

The L. L. is *vitula*, which can only come from *vitulari*, to skip like a calf (cf.: G. *kälbern*), to make merry; the violin was the usual instrument of merri-makers, hence called *vitula jocosa* (Du Cange).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

maior se deve ao vocabulário de Rui Barbosa, no qual encontramos, em meio a termos eruditos, uma amplitude de sinônimos neológicos

Enquanto os politiquinhos e politicotes¹⁰¹, os politiquilhos e politicalhos, os politiqueiros e politicastros¹⁰² dos nossos conventículos, corrilhos e quadrilhas políticas se esgueiram pelas vielas, betesgas e carrochos da intriga, enquanto vão ziguezagueando a vida pelas viravoltas e recambejos, onde serpeia tortuosamente a velhacaria dos interesses, ponho eu sempre o meu timbre em me entender rosto a rosto com as populações reunidas em imensas assembleias, e tenho a honra de ser o primeiro brasileiro, sendo, também, o único, que confiou as suas candidaturas presidenciais à tribuna popular.¹⁰³

Este mesmo teor depreciativo que verificamos na sinonímia acima se encontra em outros neologismos que são formados a partir da alternância de sufixos, como verificamos em termos como *principelho*¹⁰⁴, *ministrículo*¹⁰⁵, *jornaliço*¹⁰⁶, *gramatiqueiro*¹⁰⁷, *ladroísmo*¹⁰⁸, *macacalhada*¹⁰⁹. É normal também outras alternâncias sufixais (*putredinosidade*¹¹⁰,

¹⁰¹ Este neologismo depreciativo encontra-se registrado somente em Laudelino Freire e Aulete.

¹⁰² Observe que não há registro destas formas neológicas em Morais Silva (1813, 2. ed.) ou Domingos Vieira (1873).

¹⁰³ Barbosa (1988, p. 52).

¹⁰⁴ “... o quinto é o Sr. Álvaro de Carvalho, o derradeiro *principelho* da oligarquia paulista” (BARBOSA, 1956, p. 125). Encontra-se lexicografado.

¹⁰⁵ “Que diriam os nossos *ministrículos*, se impuséssemos à influência do imperador a nota de perversidade e baixaza” (BARBOSA, “Queda do Império” *apud* AULETE, *op. cit.*, vol. III, p. 2368). Bem documentado.

¹⁰⁶ “De todos os cantos surdem jornais e *jornaliços*, revistas e semanários” (BARBOSA, conferência “As classes armadas” *apud* LEDA, 1966, p. 143). Verbete somente em Laudelino Freire.

¹⁰⁷ “... apesar das tolices da pedanteria *gramatiqueira* e *sensaborona*” (BARBOSA, 1965, p. 163). Há registros e é de uso comum.

¹⁰⁸ “... a parede natural do *ladroísmo* eleitoral, coiracha do *ladroísmo* administrativo” (*idem*, 1975, p. 32). Termo bem registrado.

¹⁰⁹ “Eis o que as classes trabalhadoras...necessitam de ter em mente, para defender contra os antropoides solenes da *macacalhada* política o bem público...” (*idem*, 1988, p. 15). Termo citado apenas por Aulete, Laudelino Freire e Cândido de Figueiredo: estes dois últimos abonam este mesmo trecho de Rui Barbosa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

*verificabilidade*¹¹¹, *anulamento*¹¹²) como também acréscimos de prefixos antitéticos, quando não, intensificadores (*desvirtude*¹¹³, *imatureza*¹¹⁴, *reconfiança* e *ultraconfiança*¹¹⁵, *rementir* e *trementir*¹¹⁶).

3. Conclusão

A *terra brasiliensis* contribuiu sobremaneira com estes notáveis escritores: as selvas inspiraram Gonçalves Dias, gotas de brasilidade nos encantam em Alencar, Oliveira Paiva revelou a linguagem do sertão, os costumes oitocentistas foram declarados em Machado, Bilac resgatou o clássico, novos efeitos surgiram em Cruz e Sousa, e Rui reinventou o idioma. E quantos outros nesse período, recorrendo ao latim, não encontraram novos recursos de exprimir o pensamento, deixando no Vernáculo

¹¹⁰ “...toda essa *putredinosidade*, que, ultimamente, se nos ostenta às claras no rosto, não a vê, não a sente, não a suspeita o tino desse caçador de abuso” (*idem*, 1991, p. 56). Devidamente lexicografado. Cândido de Figueiredo é o único que cita este trecho de Rui Barbosa.

¹¹¹ “O recio de intervenção do Peru nessa pendência não passa de uma hipótese cuja *verificabilidade* nada até agora autoriza” (*idem*, 1952, p. 259). Somente Houaiss cita.

¹¹² “...o equilíbrio entre ambos, ou para um a inferioridade, a insignificância, o *anulamento*, e, para o outro, na mesma razão, a vantagem, o predomínio, a tirania” (*idem*, 1977, p. 158). Citado somente por Aulete e Laudelino Freire, o qual abona com este exemplo.

¹¹³ “Já vê o Sr. CAMPOS SALES que, apesar da má cara, a obra lhe pode entrar em casa, e que o Sr. ENÉIAS pode compulsá-la sem *desvirtude*” (*idem*, 1976, p. 373). Encontra-se devidamente registrado. Ainda que este termo possa ser visto como um neologismo, apareceu pela primeira vez no vernáculo na comédia *Eufrosina* (1555) de Jorge Ferreira de Vasconcelos: “Nada deixeis por fazer, porque o não lhe dardes o vosso é mais birra que gosto, e pode-se julgar o pouco saber e *desvirtude* (apud AULETE, *op. cit.*, vol. II, p. 1081).

¹¹⁴ “Não provendo ali as instituições constitucionais à incapacidade eventual do soberano e à tutela na *imatureza* da primeira idade...” (BARBOSA, 1947, p. 465-6). Citado apenas por Laudelino Freire e Cândido de Figueiredo: ambos citam este exemplo de Rui Barbosa.

¹¹⁵ “... como era toda ela ontem *confiança*, *reconfiança* e *ultraconfiança* no Govêrno Hermes” (*idem*, 1974, p. 328). Estes dois termos são citados com este mesmo exemplo por Laudelino Freire; Cândido de Figueiredo e Aulete citam apenas “*ultraconfiança*”. Não há registro nos outros léxicos.

¹¹⁶ “É *mentir*, *rementir* e *trementir*” (*idem*, 1950, p. 206). Não há registro lexical de “*trementir*”; o termo “*rementir*” aparece em Laudelino Freire, Cândido de Figueiredo e Aulete (*op. cit.*, vol. IV, p. 3137) que nos diz já ter aparecido em Dom Francisco Manuel de Melo, *Feira dos anexins* (1875): “Quando diz que não damos flor nem fruto mente e *remente*”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

rastros indeléveis da vertente clássica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Diva* (perfil de mulher). Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

_____. *Iracema* (lenda do Ceará). 1. ed. Rio de Janeiro: Typ. de Vianna & Filhos, 1865.

_____. *Til* (romance brasileiro). V. I. 1. ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872.

ALMEIDA, Manuel Antônio (Um brasileiro). Tomo I. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Typographia brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1854.

_____. Tomo II. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Typographia brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1855.

ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. In: _____. *O novo mundo* (periódico ilustrado do progresso da idade), New York, v. III, n. 30, p. 107-8, 1873.

_____. *Dom Casmurro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1899.

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5 vols. Rio de Janeiro: Delta, 1978.

BARBOSA, Rui. *Obras completas de Rui Barbosa* (A imprensa). Vol. XXVII (1900). Tomo III. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1976.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (Trabalhos jurídicos). V. XXIV (1897). Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde, 1952.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (Discursos parlamentares). V. XLI (1914). Tomo III. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1974.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (Réplica). V. XXIX (1902). Tomo III. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1953.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (Campanha presidencial). V. XLVI (1919). Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1956.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (Excursão eleitoral). V. XXXVI (1909). Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1965.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (O artigo 6º da constituição e a intervenção de 1920 na Bahia). V. XLVII (1920). Tomo III. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1975.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (O caso da Bahia: petições de *habeas-corpus*). V. XXXIX (1912). Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde, 1950.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (O Papa e o concílio). V. IV (1877). Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1977.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (Queda do império). V. XVI (1889). Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1947.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (Trabalhos diversos). V. XL (1913). Tomo V. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1991.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa* (Trabalhos jurídicos). V. XXIV (1897). Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde, 1952.

BILAC, Olavo. *Poesias* (“Panópias”, “Via Láctea”, “Sarça de fogo”, “Alma inquieta”, “As viagens”, “O caçador de esmeraldas”). Edição definitiva. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa* (vocábulo, expressões da Língua Geral e Científica, sinônimos, contribuições do Tupi-Guarani). 8 vols. São Paulo: Saraiva, 1968.

_____. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

CABRAL, Tomé. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária (UFC), 1972.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

COELHO, F. Adolpho. *Dicionário manual etimológico da língua portuguesa* (contendo a significação e prosódia). V. I (A - E). Lisboa, P. Plantier Editor, 1890.

_____. *Dicionário manual etimológico da língua portuguesa* (contendo a significação e prosódia). V. II (F - Z). Lisboa, P. Plantier Editor, 1890.

COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. 4 vols. Madrid: Gredos, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

DIAS, Gonçalves Antônio. *Cantos: coleção de poesias*. 2. ed. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1857.

_____. *Segundos cantos e sextilhas de Frei Antão*. Rio de Janeiro: Typographia Classica de José Ferreira Monteiro, 1848.

_____. *Os timbiras* (poema americano). Cantos I – IV. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1857.

_____. *Últimos cantos* (poesias). Rio de Janeiro: Typographia F. de Paula Brito, 1851,

DIEZ, Friedrich. *An etymological dictionary of the romance languages: chiefly from da german*. Londres: Williams and Nogarte, 1864.

DU CANGE, Domino. *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*. Réédition légèrement augmentée de Henschel. Tomus I (A - B). Niort: L. Favre, 1883.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Alfred. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1951.

_____. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. Rio de Janeiro: Globo, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 5 vols. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 vols. 7. ed. Lisboa: Bertrand, 1939.

GALVÃO, Ramiz. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*. Rio de Janeiro: Garnier, 1994.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1986.

LOPES, Dr. Castro. *Neologismos indispensáveis e barbarismos dispensáveis ou um vocabulário neológico português*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1889.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados). 5 vols. 3. ed. Lisboa: Horizonte, 1977.

_____. *Influência árabe no vocabulário português*. Lisboa: Editorial Império, 1958.

MEYER-LÜBKE, W. *Romanisches etymologisches wörterbuch* (REW). 3. vollständig neubearbeitete auflage. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1935.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1932.

_____. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

PAIVA, Manuel de Oliveira. "D. Guidinha do poço", in *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, XVII, p, 276-301, jan-mar, 1899.

_____. D. Guidinha do poço. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, XVIII, p, 5-27; 159-99, abr-jun, 1899.

_____. D. Guidinha do poço. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, XIX, p, 5-18; 199-246, jul-set, 1899.

_____. D. Guidinha do poço. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, XX, p, 36-108, out-nov, 1899.

SARAIVA, Francisco dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(fac-símile da 9. ed.). Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.

SILVA, Antônio de MORAIS. *Dicionário de língua portuguesa*. 2. ed. Tomos I e II. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SOUZA, Cruz e. *Evocações*. 1. ed. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1898.

_____. *Faróis*. 1. ed. Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Profissional, 1900.

_____. *Broquéis*. 1. ed. Rio de Janeiro: Magalhães & C^a., 1893.

_____. *Últimos sonetos*. 1. ed. Paris: Aillaud & C^{ia}., 1905.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle (Visconde de). *Inocência* (sob o pseudônimo de Sylvio Dinarte). 1. ed. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872.

VIEIRA, Dr. Frei Domingos (dos eremitas calçados de Santo Agostinho). *Grande dicionário português ou Tesouro da língua portuguesa*. 5 vols. Publicação feita sobre o manuscrito original, inteiramente revisto e consideravelmente aumentado. Porto: Casa dos Editores Ernesto Char-dron e Bartholomeu H. de Moraes, 1873.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Traduzido por Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.